III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento

20 a 22 de outubro de 2014

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

MCH1393

ANÁLISE DO DISCURSO DE PROFESSORES: ASSUJEITAMENTO E SUBJETIVIDADE

JOELMA DO NASCIMENTO PEREIRA DUTRA
joelma.dutra18@gmail.com
MESTRADO - LINGÜÍSTICA APLICADA
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

ORIENTADOR(A)
CLAUDETE MORENO GHIRALDELO
ITA

ANÁLISE DO DISCURSO DE PROFESSORES : ASSUJEITAMENTO E SUBJETIVIDADE

Joelma do Nascimento Pereira Dutra
Universidade de Taubaté – UNITAU

Resumo

O problema que motivou a pesquisa foi a recorrência de casos de adoecimento e deserção dos docentes, inclusive entre aqueles que iniciaram na profissão há pouco tempo. A hipótese seria a de que, o sujeito profere seu discurso a partir de um determinado lugar social, uma vez que esse sujeito está inserido em um contexto sócio-histórico, e suas palavras adquirem significado de acordo com a força da sua posição; assim, o sujeito, sob a ilusão ou esquecimento interdiscursivo, enuncia julgando que é dono, fonte, do dizer quando seu dizer é determinado pelo momento sócio-histórico em que vive e pelo lugar que ocupa nas relações sociais. Assim, alguns sujeitos passariam a um assujeitamento ideológico que os levaria a uma outra ordem discursiva, relacionada à queixa, e a inserir-se no discurso de desistência da docência. O objetivo deste trabalho é analisar um depoimento de um professor acerca da desistência da docência, veiculado no ambiente virtual e um depoimento, coletados via entrevista, de um professor que optou por permanecer na profissão e rastrear na materialidade linguística os discursos que integram esses depoimentos. O estudo justifica-se pela atualidade do tema e espera contribuir com futuras pesquisas. A análise será feita de acordo com os procedimentos metodológicos na Análise do Discurso de perspectiva francesa. O estudo apoiar-se à também nos estudos de Foucault acerca da escrita de si.

Palavras-chave: Professores, Escrita , Análise de Discurso

Abstract

The problem that motivated the research was the recurrence of cases of illness and desertion of teachers, even among those who started in the profession recently. The hypothesis would be that the subject makes his speech from a particular social location, since this subject is embedded in a socio-historical context, and his words take on meaning according to the strength of its position; thus the subject, under the delusion or forgetfulness interdiscursive, states judging who owns, fountain, say when your point is determined by the socio-historical moment in which you live and the place it occupies in the social relations. Thus, some subjects would become an ideological subjection that would take them to another discursive order, related to the complaint, and to insert in

the discourse of withdrawal of teaching. The objective of this paper is to analyze a testimonial from a teacher about the withdrawal of teaching, aired in the virtual environment and testimony collected via interviews, a teacher who chose to remain in the profession and track the linguistic materiality speeches that integrate these testimonials. The study is justified by topicality and hopes to contribute to future research. The analysis will be done according to the methodological procedures in discourse analysis of French perspective.The study also support to the studies in Foucault's writing itself.

Key words: Teacher, Writing, French Discourse Analysis

1. Introdução

A educação formal é considerada de suma importância nas sociedades letradas. Nesse sentido, para otimizá-la, são demandados vários esforços nas diversas esferas que compõem a educação.

Embora sejam tomadas medidas que objetivam a melhoria no sistema educacional, são notórios os problemas enfrentados pela educação na atualidade e, inevitavelmente, a sociedade de maneira geral lança um olhar para uma figura central nesse sistema: o professor.

Os programas criados para incentivar a docência: PIBID; Quero ser professor, Quero ser cientista, a diminuição na nota de corte do ENEM, criação da página “seja um professor” parecem não atrair interessados nas licenciaturas, haja vista a permanente diminuição no número de ingressantes.

A mídia veicula constantemente a existência de um deficit de professores na rede pública. Além dos pedidos de afastamento, via licença médica, ocorre um aumento dos pedidos de exoneração.

O recente concurso para provimento de vagas na rede estadual de São paulo, fora anunciado como “ o maior concurso da história da educação”, pela própria secretaria de educação de São Paulo, com cerca de 59 mil vagas, demonstrando carência de profissionais e com 283 mil inscritos. Embora haja uma diminuição na procura pelas licenciaturas, ainda existe essa busca e o desejo de tornar-se professor, haja vista o números de inscritos nos concursos públicos.

Com o enfoque dado à educação, os problemas apontados pelos professores em seu ambiente de trabalho ganharam destaque ao serem expostos no ambiente virtual e muitos passaram e expor suas queixas em vídeos, blogues e em espaços reservados a comentários.

Embora os problemas relacionados à educação e, mais especificamente, à docência sejam amplamente divulgados, o conhecimento desses não impede alguns sujeitos de optar pelas licenciaturas, mas em algum momento, já professores, os leva à desistência.

O problema gerador da pesquisa foi, a despeito de os problemas educacionais assemelharem-se em unidades escolares distintas, nem todos optam pela desistência. Nesse contexto, passou-se a investigar o que distingue o professor desistente daquele que continua motivado a exercer a docência.

Considerando a especificidade da profissão professor, em muitos casos parece não haver distinção entre o exercer a função e o ser. Observa-se a substituição do nome do indivíduo pelo nome professor, a despeito do que ocorre em outras profissões. Assim, o sujeito passaria paulatinamente a ser reconhecido como professor em todas as esferas sociais. Dessa forma, o deixar a docência parece torna-se um processo doloroso; o sujeito deixa de exercer a função de , mas não deixa de ser reconhecido como professor.

Embora conheça os problemas relacionados à docência, o sujeito a escolheria por estar inserido em um discursos que o levariam a crer que com ele será diferente. Entretanto, ao obter a certificação pela via acadêmia e habilitar-se juridicamente para exercer a função de professor, ao desempenhar efetivamente a profissão, o sujeito passaria a um assujeitamento ideológico que o levaria a uma outra ordem discursiva e a inserir-se no discurso queixoso dos professores.

A identidade permanece sempre incompleta e está sempre em processo (Coracini,2003). Acolhendo também a afirmação de Coracini(2010) no que se refere à escrita, no sentido de que produzir um texto significa construir uma identidade, um lugar social,uma certa visibilidade,ainda que esta consista numa resposta a uma autoridade que detém o poder; passou-se a questionar se escrita no espaço virtual poderia ajudar o sujeito a construir uma identidade e a tornar-se visível; além disso, surgiu também como questionamento se a escrita poderia de alguma forma apaziguar os conflitos descritos pelos sujeitos.

O estudo tem como objetivo geral contribuir para as pesquisas que se dedicam à formação do professor e, mais precisamente, para aquelas que se dedicam à análise da subjetivação docente.

O objetivo específico é analisar o discurso de professores do nível fundamental e médio, buscando rastrear na materialidade linguística as representações da docência no universo escolar e os motivos que os levaram a optar pela desistência e, entre aqueles que permaneceram, o que os mantém motivados. Além disso, verificar indícios de que a escrita poderia lhes trazer algum alívio.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Desenvolvimento Histórico da Análise do Discurso

Orlandi (1999) esclarece que a palavra discurso traz a ideia de curso, de percurso, de movimento; significa a palavra em curso, em prática social de linguagem . Nesse sentido, a Análise do Discurso de linha francesa, que foi constituída pela relação entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, considera o texto como uma manifestação do discurso e passou a incorporar à análise o sujeito e o contexto sócio-histórico.

Um dos conceitos que se tornaram importantes na ADF, a partir do momento em que todo o contexto de produção do discurso foi levado em consideração, é o da ideologia, que será considerado a partir de Althusser. Para o filósofo marxista e contemporâneo de Pêcheux, formulador da perspectiva discursiva francesa, "a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência" (ALTHUSSER, 1985, p. 85).

Pêcheux, fundamentado em Althusser, apresenta a concepção de sujeito como "assujeitado" e menciona que**,** em um processo de produção discursiva**,** é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos

acreditam que utilizam seus discursos, quando**,** na verdade**,** são seus servos assujeitados, seus suportes, isto é, pensam que os discursos emanam de si, quando, na verdade, repetem discursos já existentes (PÊCHEUX, 1990, *apud* SARGENTINI, 1999).

> *Esse assujeitamento ideológico consiste em fazer com que cada indivíduo seja levado a ocupar seu lugar e a se identificar com grupos ou classes de uma determinada formação social, sem que tenha consciência sobre esse assujeitamento, tendo, ao contrário, a ilusão de que é o dono de suas vontades.* (UYENO, 2006, p.267)

Posteriormente, tornam-se muito importantes, para a Análise do Discurso francesa, as contribuições de Benveniste referentes à subjetividade na linguagem, cujas bases ancoram-se na proposição de que o sujeito se apropria da linguagem para construir o seu discurso. Dessa forma**,** é a enunciação que coloca a língua em discurso, por um ato individual de utilização, mas**,** nessa proposta**,** há a ilusão de que o ato de enunciação pode se originar de um sujeito sem sofrer condicionamentos.

Pêcheux formulou, nessa fase da Análise do Discurso, a teoria dos dois esquecimentos, segundo a qual o sujeito pensa que é fonte daquilo que diz e seu discurso lhe parece evidente. (GREGOLIN, 2004)

No primeiro esquecimento, há a ilusão de ser do sujeito a origem do que é dito, quando apenas esse sujeito retoma algo que já foi dito; existe a impressão de ser o primeiro a produzir aquele discurso. Isso ocorre porque

> *quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade*. (ORLANDI, 2005, p. 35).

No segundo esquecimento, há a impressão de que quilo que foi dito só poderia ser dito daquela maneira, além disso a existe a ideia de que o enunciado está claro. Em outras palavras,

> este "esquecimento" produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. Ela estabelece uma relação "natural" entre palavra e coisa. (ORLANDI, 2005, p. 35).

O esquecimento número um é responsável pela formação discursiva que pode ser definida como um conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, noção tomada de empréstimo de Foucault por Pêcheux. Além disso, há uma relação entre a formação discursiva e a formação ideológica, pois os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem ao uma mesma formação ideológica (BRANDÃO, 1998, p. 90).

Essa noção de formação discursiva levou Pêcheux, um entusiasta das tecnologias de informação, a idealizar um analisador do discurso que passou a ser conhecida como uma maquinaria discursiva.

Com a observação de que um discurso não era fechado, mas era perpassado por outros discursos, a partir dos estudos da colega Authier-Revuz (1999), acrescenta em sua formulação da teoria discursiva a noção de heterogeneidade do discurso que coloca em discussão a validade da maquinaria discursiva, que acreditava na possibilidade de um método automático de análise.

Orlandi (2005) esclarece essa noção, segundo a qual, do ponto de vista de sua constituição discursiva, todo texto é heterogêneo; ele é atravessado por diferentes formações discursivas. O discurso não é puro; ele sofre interferências de outros discursos existentes, o que configura a heterogeneidade discursiva.

> (…) o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse "x" (…). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentido estão ali presentificados. (ORLANDI, 2005, p. 36).

Finalmente, na Análise do Discurso, o sujeito passa a ser visto não mais como uma voz unitária e sim como heterogêneo, tendo contribuído para esse pensamento as reflexões de Bakthin sobre dialogismo que passa a ser o fundamento de toda discursividade e estabelece a constituição do sujeito da enunciação a partir da circunstância dialógica.

2.2 O IMAGINÁRIO

Brandão esclarece que, segundo Althusser " a ideologia é a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, e esta relação é necessariamente imaginária", e que os homens criam formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta" (BRANDÃO, 1998, p. 23). Dessa forma, então, os indivíduos produzem imagens se si próprio, do seu interlocutor e do seu discurso.

> A ideologia é interpretação de sentidos em certa direção, determinada pela relação da linguagem com a história, em seus mecanismos imaginários. Ela não é, pois, ocultação mas função necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem, no sentido da refração, do efeito (imaginário) necessário de um sobre o outro. Na verdade, é o efeito da separação e da relação necessária mostradas no mesmo lugar. Há uma contradição entre mundo e linguagem, e a ideologia é trabalho desta contradição. Daí a necessidade de distinguirmos entre a forma abstrata (com sua transparência e seu efeito de literalidade) e a forma material, que é histórica (com sua opacidade e seu equívoco) quando trabalhamos com discurso. (ORLANDI, 1994)

É possível perceber que a ideologia não apenas influencia as relações imaginárias dos indivíduos, mas as determina, uma vez que, segundo Althussser (1985), as relações imaginárias revelaram a ideologia.

Essas relações imaginárias se realizam na vida em sociedade como se fossem jogos imaginários, segundo os quais o locutor enuncia aquilo que imagina o que o interlocutor dele espera e o interlocutor também enuncia aquilo que imagina que o

locutor dele espera, como se conhecessem as regras de um jogo e a elas se submetessem. Como esse jogo imaginário ocorre em todas as relações pessoais, ele está presente também na escola, entre professor e aluno.

> É nesse sentido que se fala em lugares e em discursos correspondentes de aluno e de professor. Assim as falas e as atitudes em sala de aula não emanam de indivíduos empíricos, mas de sujeitos enquanto representação, enquanto imagem (UYENO, 2006).

Orlandi (2005) explica que o sujeito, devido ao imaginário, faz escolhas para produzir um discurso e, para isso, sem que perceba, procede à antecipação. O mecanismo de antecipação está relacionado ao ato de o sujeito, ao produzir um discurso, colocar-se no lugar de seu interlocutor e tentar prever o efeito que o seu discurso poderá produzir no interlocutor. Segundo Orlandi (2005, p.39), "esse mecanismo direciona o processo de argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte".

Para Orlandi, o surgimento do imaginário não ocorre de repente; ele é estabelecido de acordo com as relações sociais dos indivíduos. Além disso, a autora esclarece que o sujeito ocupa um lugar na sociedade e que suas palavras adquirem significado a partir desse lugar: exemplificando essas relações, a autora explica que, "se o sujeito fala a partir do lugar do professor, suas palavras significam de um modo diferente do que se falasse do lugar de aluno" (ORLANDI, 2005, p. 40).

O sujeito profere seu discurso a partir de um determinado lugar social, uma vez que esse sujeito está inserido em um contexto sócio-histórico, e suas palavras adquirem significado de acordo com a força da sua posição. Uyeno (1995) explica que as relações hierárquicas presentes na sociedade são apreendidas por meio de cotidianos ritualizados, fazendo crer que são naturais.

Uyeno (1995) transpõe essas relações imaginarias a partir da postulação por Pêcheux para a instituição escolar, desdobrando-as. Assim, considerando-se A como professor e B como alunos, as interações escolares são determinados pelos esquemas:
AI(B) que significa: professor (A) enuncia, imaginando (I) o que o aluno (B) espera que ele diga, e BI(A) o aluno ((B) enuncia, imaginando o que o professor (A) espera ouvir dele.

Assim, o sujeito, sob a ilusão ou esquecimento interdiscursivo, enuncia julgando que é dono, fonte, autor do dizer quando seu dizer é determinado pelo momento sócio-histórico em que vive e pelo lugar que ocupa nas relações sociais.

Esse conceito é de importância central para esta pesquisa que objetiva analisar como o sujeito se constrói e, a partir dessa construção, enuncia.

2.3. ESCRITA DE SI

Coracini (2010) explica que a escrita significa um movimento para fora (ex-cripta), de si para o outro e, ao mesmo tempo,um movimento para dentro (in-scripta), do outro para si, do outro em si. Para a autora a escritura "implica na inscrição daquele que (ex)põe suas ideias, seus sentimentos, seus afetos e desafetos, ao mesmo tempo em que o sujeito se vê envolvido (marcado) pelo que escreve" (Coracini,2010).

Foucault esclarece que há uma associação entre a escrita e o exercício de pensamento sob dois aspectos distintos: linear e circular. Na forma linear, ocorre uma passagem da meditação à atividade da escrita até o treino em situação real, chamado de *gymnazein*, e à prova. Por outro lado, na forma circular, a meditação precede as notas.

A escrita carrega consigo a função etopoiética, assim, essa torna-se um operador da transformação da verdade em ethos por meio de duas formas: os *hypomnemata* e a correspondência.

O primeiro era constituído por anotações decorrentes de leituras, audições e pensamentos diversos destinados à meditação posterior. Para Foucault, a escrita dos *hypomnemata* tornar-se ia um equipamento de discursos ao qual seria possível recorrer inúmeras vezes e que seria um veículo de subjetivação do discurso com "uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si" (Foucalt,1992; p.137). Essa escrita permite a constituição de si a partir do discurso dos outros.

Ao tratar da correspondência, Foucault (1992) explica que ocorrem dois movimentos de atuação, Assim, devido ao próprio gesto da escrita, a carta atua sobre aquele que a envia e por meio da leitura e releitura , há uma ação sobre aquele que a recebe e lê. Para o autor, a correspondência vai além do adestramento de si pela escrita, é também uma forma de individual de se manifestar a si próprio e aos outros; escrever é "mostrar-se"(Foucault, 1992).

3. CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS

Para composição do corpus de pesquisa, foram escolhidos dois depoimentos de professores; o primeiro fora veiculado em um blogue e o professor afirma haver desistido da docência. O segundo depoimento fora fornecido por uma professora que continua a exercer a profissão, em uma escola no Vale do Paraíba.

4. ANÁLISE DOS REGISTROS DE PESQUISA

Transcreve-se, a seguir, para efeito de análise, o recorte discursivo (RD) do depoimento do professor desistente (doravante PD), publicado em um blogue .

> *PD:Também desisti... O que me fez desistir foi o péssimo salário, a falta de estrutura e a falta de comprometimento dos alunos da última escola por onde lecionei. Após concluir o mestrado na cidade de Curitiba (PR), assumi dois concursos e comecei a lecionar na rede pública e municipal de ensino. O salário do estado era péssimo e continua sendo até hoje (vale ressaltar que não recebi nenhum centavo a mais por ser mestre). Na rede municipal era bom, se comparado ao outro. Mas o que me deixava feliz era o bom nível dos alunos da escola estadual (essa escola específica tinha bons alunos, pois eram selecionados pelo histórico escolar, os professores das outras escolas estaduais reclamavam bastante), o comprometimento dos professores dessas duas escolas e o carinho dos alunos da escola municipal. Na época também lecionava em uma faculdade particular, mas acreditem, era muito mais gostoso trabalhar com as crianças e os adolescentes, apesar do salário ser bem melhor na faculdade. Acho que era uma das professoras de matemática mais felizes do mundo! Tudo começou a mudar quando me mudei para o interior do estado. O salário caiu drasticamente. Isso já seria um bom motivo para mudar de profissão... mas o que mais pesou foi o total desinteresse dos alunos das turmas do ensino médio. Enquanto na escola de Curitiba discutia com os alunos a respeito da declaração do imposto de renda, em Maringá tentava ensinar como resolver uma equação do primeiro grau (esse é o principal conteúdo da sexta série). Eu disse que tentava ensinar, mas ninguém queria apreender. E ainda ouvia dos outros professores que o melhor era me conformar, pois esta era a situação e não iria mudar. Para completar fui adoecendo... o médico achou melhor que eu me afastasse por algum tempo. O máximo que consegui foram 10 dias de afastamento. Nem licença sem vencimentos consegui, pois estava terminando o maldito estágio probatório de 3 anos. Só me restou uma única opção: desistir da escola. Hoje tenho certeza que foi a melhor opção. Hoje eu e meu marido estamos trabalhamos juntos e muito felizes. Ainda vou fazer outra faculdade, mas pra sala de aula, enquanto continuarmos com as condições de trabalho e os péssimos salários eu não volto nunca*

> *mais. Assim como os estudantes que ainda se tornarão professores, eu também achava que poderia mudar pelo menos a minha escola. Infelizmente não consegui. E decidi mudar de profissão quando comecei a pensar em primeiro lugar em mim e em minha família. Queridos, sejam felizes e que Deus vos abençoe!*

O PD inicia seu depoimento colocando-se também na posição de desistente; em seguida, elenca os motivos que o levaram a tomar tal atitude. O PD, marcado pela memória discursiva, enuncia um interdiscurso que remete novamente à questão salarial, essa aparece como um aspecto importante,porém, não determinante. Embora o PD utilize a repetição ao enfatizar o salário não satisfatório, ao comparar o trabalho entre as duas instituições, demonstra preferência pelo trabalho *com as crianças e os adolescentes, a*inda que esse lhe traga uma remuneração menor. Essa preferência deflagra uma dissonância no seu depoimento inicial.

O imaginário discursivo emerge no excerto *também lecionava em uma faculdade particular, mas acreditem, era muito mais gostoso trabalhar com as crianças e os adolescentes.* O enunciador estabelece interlocução com possíveis leitores e utiliza o verbo acreditar no modo imperativo e revela uma imagem bastante recorrente entre os professores a de que exercer a docência no ensino superior seria melhor do que nos níveis básicos da educação. Nesse contexto, o PD imagina que os leitores não acreditariam em sua preferência e por meio da antecipação orienta-os a acreditar.

A desistência aparece novamente ao mencionar a mudança de cidade e *o total desinteresse dos alunos* emerge como fator decisivo para a desistência. Para exemplificar o desinteresse dos alunos, P relata os assuntos discutidos com os alunos de escolas diferentes e o fato de trabalhar o *principal conteúdo da sexta série com alunos do ensino médio revela* um desestímulo no exercício da profissão. O enunciador insere-se em uma formação discursiva, amplamente cristalizada entre os docentes, da não valorização da educação formal. Essa distância entre o conteúdo programático e o executado em cada ano tem se mostrado como um dos fatores que angustiam os docentes, uma vez que, além de envolver o próprio planejamento de ensino, relaciona-se ao insucesso em avaliações externas, algumas atreladas à politica de bonificação.

No recorte, PD1 materializa a imagem do professor como o detentor do saber que transmite o conhecimento ao aluno, ao utilizar a dicotomia ensinar-aprender. O enunciador procura explicar a existência de uma tentativa de ensino: *Eu disse que tentava ensinar, mas ninguém queria apreender.*

O enunciador traz a voz dos demais professores e materializa um discurso bastante comum entre esses profissionais, o da impossibilidade de mudança *E ainda ouvia dos outros professores que o melhor era me conformar, pois esta era a situação e não iria mudar.* Esse conformismo é visto muitas vezes como má vontade ou acomodação dos professores com mais tempo de atuação e muitas vezes alvo de críticas dos iniciantes. P afirma que *Assim como os estudantes que ainda se tornarão professores, eu também achava que poderia mudar pelo menos a minha escola.* Muitas vezes, esse desejo de mudança transforma-se em frustração ao ser impossibilitado por diversos fatores.

O PD avalia a necessidade de priorizar sua vida pessoal e revela : *decidi mudar de profissão quando comecei a pensar em primeiro lugar em mim e em minha família.*

Transcreve-se a seguir o depoimento de um professor (doravante P) que continua a exercer a profissão.

> *P: O que faz os outros professores serem motivados ainda não sei, talvez cada um tenha uma motivação diferente, mas posso falar daquilo que motiva a mim.*
> *Beatriz Milhazes disse que o espaço em branco da tela sempre a fascinou. Talvez o que sempre tenha me fascinado em ser professora, e de preferência polivalente, tenha sido o espaço em branco que uma sala de aula representa pra mim. As possibilidades mil que uma aula nos traz de aprendizagem, de conhecimento, seja para mim, seja para o estudante, somos todos aprendizes. A sala de aula é o lugar para onde trazemos o que somos e de onde levamos o que somos, a partir dela. É importante dizer que a sala de aula aqui, não necessariamente é o espaço físico que está entre quatro paredes. Os que compartilham comigo esses momentos são sempre novos, sempre diferentes e trazem sempre desafios. Sou fascinda por desafios, por conhecer algo novo, por aprender. Até mesmo as dificuldades inerentes ao trabalho do professor, uma imposição cerceando um caminho, uma restrição, uma falta de material, falta de ferramentas, falta de conhecimento entre outras faltas são sempre faltas e assim sendo, um "não há". Isso para mim é folha em branco, e portanto posso criar, e se puder criar, buscar, junto com alguém como os colegas, as crianças, os pais, a comunidade, tanto melhor.*
> *Não descarto os grandes educadores, os grandes pensadores e nem mesmo os RCNs, os PCNs, a Matriz Curricular. Não descarto as influencias das mídias, das opiniões da família e dos colegas, e todas as outras. Mas são talvez como pincéis e tinta em minhas mãos, a pintora sou eu. A produção pode ter a participação de outros, como uma obra aberta, mas preciso me sentir autora, ou pelo menos coautora.*

P inicia seu depoimento retomando a questão proposta no e-mail *o que faz certos professores do Ensino Fundamental e Médio serem tão motivados*, embora a questão não tivesse sido colocada como uma pergunta a ser respondida. Segundo Orlandi (2005), os sentidos não estão no texto, mas no autor, para P essa foi a parte do texto que se destacou.

Embora tenha elegido a questão como ponto inicial de seu depoimento, P afirma um não saber e prioriza a sua experiência pessoal, passando à escrita de si. P enuncia um interdiscurso sob o qual pretende ancorar o seu discurso: a tela em branco. Há uma mudança argumentativa no discurso de P ao não tratar especificamente dos fatos que o motivam a exercer a profissão, mas sobre algo que a fascinou em *ser professora.* A escolha pelo verbo ser remete à ideia de algo intrínseco e permanente; a docência parece não ser vista como uma profissão a ser exercida durante um período de tempo, mas como algo constante que passa a fazer parte da identidade de P.

A interação entre os sujeitos na sala de aula parece alterá-los de alguma forma: *A sala de aula é o lugar para onde trazemos o que somos e de onde levamos o que somos, a partir dela.*

O não saber emerge novamente no discurso de P por meio do advérbio *Talvez,* essa escolha indica um princípio de dúvida; se a escolha de um item implica em deixar outros, a representatividade do *espaço em branco* de *uma sala de* aula parece não ser o único motivo que levou P a escolha pela profissão.

A metáfora da *folha em branco* é recorrente ao longo do discurso de P, inclusive ao mencionar *as dificuldades inerentes ao trabalho do professor.* Essa afirmação de P revela sua inserção no discurso, cristalizado entre os professores, de que o exercício da docência está atrelado a limitações de várias ordens. Entretanto, P não enuncia o discurso da desistência, não enuncia a queixa como parte da profissão e não passa a uma outra ordem discursiva.

5.CONCLUSÃO

O depoimento do professor desistente revelou um sofrimento, recorrente entre os docentes, que mostra uma saída da posição de mestres e detentores do conhecimento para assumir um papel de vítima do “sistema”. As queixas parecem indicar pesar pelo

não reconhecimento da profissão pela sociedade e, em um mundo líquido (BAUMAN, 2006), o trocar de profissão parece ser a alternativa mais viável.

Considerando o fato de que tornar-se professor faz o sujeito a ocupar uma outra posição subjetiva, uma vez que os saberes irão definir sua conduta (Ghiraldelo, 2005), P passou de uma posição sujeito profissional realizado: *Acho que era uma das professoras de matemática mais felizes do mundo!,* para inserir-se em uma outra ordem discursiva, a da desistência.

Verificou-se que, em certa medida, a escrita trouxe algum alívio ao PD e a escrita de si constituíram, a partir de Foucault, "um equipamento de discursos a que se pode recorrer", material que possibilitou uma reflexão que contribuiu para a formação de si.

Entretanto, no segundo depoimento, o professor que optou pela permanência na docência, não enuncia o discurso da desistência, não enuncia a queixa como parte da profissão e não passa a uma outra ordem discursiva.

Embora conheça os problemas relacionados à docência, o sujeito a escolheria por estar inserido em um discursos que o levariam a crer que com ele será diferente. Entretanto, ao obter a certificação pela via acadêmica e habilitar-se juridicamente para exercer a função de professor, ao desempenhar efetivamente a profissão, alguns sujeitos passariam a um assujeitamento ideológico que os levaria a uma outra ordem discursiva, relacionada à queixa, e a inserir-se no discurso de desistência da docência.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da Pós-Modernidade*. São Paulo: Atual Editora, 2006 .

_____. Modernidade Líquida. São Paulo: Zahar, 2001 .

_____.Vida líquida. São Paulo: Zahar, 2009

CORACINI, Maria José R. F. (2010) "Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar." In: ECKERT-HOFF, Beatriz M.;___(org) Escrit(ur)a se

si e alteridade no espaço papel -tela, alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira. Campinas, SP, Mercado de Letras, p. 17-50.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens.1992. pp. 129-160.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. Leitura, Subjetividade e Singularidade. In: Leituras: múltiplos olhares/ Regina Céçia de Carvalho Paschoal Lima (org.).Campinas, SP: Mercado das Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

ORLANDI, E. P. *Discurso & Leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. *Análise do discurso*: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP : Pontes; 6ª edição, 2005.

_____. *Discurso e texto*: formulação e circulação de sentidos. Campinas, SP : Pontes; 2ª edição, 2005.

SARGENTINI, Vanice M. O. *Análise do Discurso, um percurso histórico*. In. Revista Brasileira de Letras. São Carlos: Editora da UFSCar. V. 1, no 1, 1999.

UYENO, Elzira. *Da autonarração à escrita acadêmica: a constituição da subjetividade do aluno de cursos de especialização.*In: CASTRO, S.T.R., E.R. da (orgs). Formação do profissional docente, contribuições em Linguística Aplicada, Taubaté: Editora Cabral, 2006 (263-291).

Hoje, o meu dia mais triste: desisti de ser professor do Estado< disponível em: http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/carta-professor-estado-minas-gerais.html acesso em 12/05/2014>